

# DJALMA BATISTA: O COMPLEXO DA AMAZÔNIA COMO CUIDADO DE SI

DJALMA BATISTA: THE AMAZON COMPLEX AS SELF-CARE



Vinícius Alves do Amaral<sup>1</sup>

## Resumo

A partir da correspondência entre o médico Djalma Batista e o historiador Arthur Cezar Ferreira Reis, o presente artigo defende a hipótese de que a maior obra do primeiro, *O Complexo da Amazônia* (1977), tratou-se não apenas de um empreendimento intelectual destinado a clarear a compreensão sobre os obstáculos e as potencialidades da região, mas também de uma forma de superar a desfavorável condição de saúde pela qual o autor vinha passando. Nesse sentido, o conceito de cuidados de si de Michel Foucault será essencial em nossa análise.

**Palavras-chave:** Intelectuais; Amazônia; Correspondência.

## Abstract

Based on the correspondence between the doctor Djalma Batista and the historian Arthur Cezar Ferreira Reis, this article defends the hypothesis that the greatest work of the first, *O Complexo da Amazônia* (1977), was not only an intellectual enterprise destined to clarify the understanding of the region's obstacles and potential, but also of a way to overcome the unfavorable health condition that the author had been experiencing. In this sense, Michel Foucault's concept of self-care will be essential in our analysis.

**Keywords:** Intellectuals; Amazon; Correspondence

## Introdução

*A Adriana Angelita da Conceição e Angela Panzu*

No momento em que escrevo estas linhas o mundo está enfrentando uma pandemia. Ainda que muitos anunciem que a cura para o Coronavírus esteja próxima, a proliferação do vírus evidenciou uma série de problemas sociais contemporâneos, inclusive no Brasil.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduado em História pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE/LAUREATE), mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM). Professor Docente I na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). E-mail: [viniciuscarqueija@gmail.com](mailto:viniciuscarqueija@gmail.com)



Diante desse quadro não é difícil compreender o argumento do escritor Ítalo Calvino de que a escrita oferece certo alento que a realidade muitas vezes não é capaz de igualar:

Enquanto espero que o mundo não-escrito se torne mais claro, sempre há uma página escrita aberta diante de mim, onde posso voltar a mergulhar: faço-o sem demora e com a maior satisfação, porque ali, pelo menos, mesmo que só compreenda uma pequena parte do todo, posso alimentar a ilusão de que mantenho tudo sob controle.<sup>2</sup>

No entanto, o efeito de controle pode ser menos ilusório se levamos em consideração o mundo subjetivo. Nesse sentido, Michel Foucault ao analisar as formas como os gregos antigos procuravam construir sua identidade demonstrou o peso da escrita nesse processo.

O que Foucault encontrou na experiência grega foi um rol de exercícios, nomeado pelo filósofo como “cuidados de si”, que podiam ser definidos como “(...) práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar”.<sup>3</sup> Eles podiam ser expressos em cadernos particulares, diários e mesmo cartas.

Mas no presente artigo a proposta não é concentrar-se nos gregos antigos, mas numa figura mais próxima de nós: o médico Djalma da Cunha Batista (1916-1979). Radicado no Amazonas, Batista atuou no combate à tuberculose na região e dirigiu por longos anos o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Figurando também como expoente intelectual, o médico também legou muitos textos publicados nos periódicos locais, mas sua obra máxima permanece sendo o livro *Complexo da Amazônia*. Lançado em 1977, o livro ambicionava analisar as maiores dificuldades encontradas para o desenvolvimento da região naquele contexto e a partir delas e das potencialidades locais sugerir possíveis caminhos.

A despeito de tamanha produção, nossas lentes irão focar uma fonte muito mais íntima desse personagem, sua correspondência. Em pesquisa sobre o historiador Arthur Cezar Ferreira Reis (1906-1993), outra figura praticamente incontornável da intelectualidade amazonense, eu entrei em contato com as missivas enviadas pelo médico ao seu amigo no acervo deste, localizado atualmente no Centro Cultural dos Povos da

---

<sup>2</sup> CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e não-escrita. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 141.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 16.



Amazônia. Analisando as cartas trocadas entre a década de 1960 e 1970 é perceptível a gestação e construção do *Complexo da Amazônia*.

Mais ainda, a correspondência pessoal entre esses dois intelectuais também possibilita que compreendamos a escrita como um refúgio para Batista em um momento de grande vulnerabilidade e incerteza, uma vez a partir de meados da década de 1960 ele foi acometido de uma grave doença. Em outras palavras, a hipótese central do presente artigo é de que as missivas e a produção do livro *Complexo da Amazônia* funcionaram para o bom médico como exercícios de cuidados de si.

### **Entre alegrias e “borrascas”: Características da escrita epistolar**

A escrita era e é um dos espaços privilegiados de exercício de estilo. E na escrita epistolar a força dessa prática é muito maior, pois, afinal, é necessário se presentificar através dela. Não se trata simplesmente de transpor para o papel tudo que aconteceu consigo ao longo do dia ou do mês, mas selecionar fatos e pensamentos que permitam que o leitor sinta estar próximo do autor. Para tanto é necessária uma reflexão sobre o que no meu cotidiano e no meu âmago pode ser interessante ao leitor. Em suma, a carta efetua tanto no destinatário quanto no escritor um trabalho de introspecção.<sup>4</sup>

Vejamos a carta escrita por Djalma Batista em 30 de agosto de 1973 e remetida a Arthur Reis. O autor inicia a missiva revelando que a visita do historiador lhe “encheu de alegria” e que, desejando continuar a conversa, tentou lhe telefonar, mas não sabia em que hotel o amigo estava hospedado. Assim, na falta de um diálogo direto, Batista resolveu escrever uma carta.<sup>5</sup>

Djalma demonstra a vontade de prolongar o diálogo com Arthur Reis, porque sente que muitas coisas não foram ditas. Não foram ditas, mas precisavam ser ditas o mais breve possível, como fica claro pela tentativa de telefonar ao amigo. A situação com certeza não é estranha a nenhum de nós que já sentiu, após refletir um pouco, que deveria ter mencionado ou esclarecido algo ao seu interlocutor, mas é importante ressaltar que essa sensação demanda algum grau de introspecção.

Assim, encontramos duas características da escrita epistolar apenas no fragmento inicial da carta de Djalma Batista: em primeiro lugar, o imperativo da presentificação de

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos: Ética, sexualidade e política*. Vol. V. trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 157.

<sup>5</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta reservada a Arthur Cezar Ferreira Reis*, Manaus, 30 Ago. 1973, p. 1.



um ausente, e em segundo, o caráter relacional das missivas. Assim como a referida carta é apresentada como uma continuação de um encontro anterior, a escrita epistolar é preñe de referências não só a experiências vividas, mas à leituras, conversas e principalmente à outras cartas. É o que permite que Rebeca Gontijo a qualifique como uma “escrita em trânsito”.<sup>6</sup>

Mas voltemos à missiva. Djalma confessa: “Nestes anos todos tive de refazer a minha vida”. Então o autor se reporta a janeiro de 1968, quando dividia o seu tempo entre o laboratório e a universidade. O sócio com o qual fundara o laboratório deixou o empreendimento e a docência no ensino superior lhe consumia demais: “Quase me acabo, porém, dando uma aula, mas lhe asseguro que a cousa mais grata que fiz nos últimos anos foi ensinar”.<sup>7</sup>

As dificuldades se aprofundam com o passar do tempo, sendo três as mais graves: a filha do médico envolveu-se num acidente, seu amigo Luiz Montenegro faleceu vítima de um câncer e o próprio Batista teve um derrame. Sobre este último, o autor informa:

Depois da borrasca do ano passado, fui obrigado a parar e recomeçar, meses após, piano, piano. O pior da recuperação foi o estado de depressão, que lhe asseguro ter sido cruel. Graças porém a minha mulher, aos filhos e aos médicos que me assistiram, devotadamente, alcancei um pedaço de mar bem menos tormentoso.<sup>8</sup>

Referindo-se ao derrame como “borrasca”, Djalma joga luz, inclusive cronologicamente, sobre um ponto de sua vida pouco abordado nos fragmentos biógrafos a seu respeito. Diante de tantas informações tristes é compreensível que o médico tenha omitido tais detalhes no encontro pessoal que teve com Arthur Reis. Com isso ele evitava macular de pesar aquele momento que lhe “encheu de alegria”.

A saúde, como bem sabemos, era um tópico essencial para Djalma Batista. Afinal, desde que ele se formara em 1939 pela Faculdade de Medicina da Bahia a luta contra as doenças tornou-se sua profissão. Fora Batista ao lado de outros valorosos médicos como Luis Montenegro que fundou em 1942 o Dispensário Cardoso Fontes, uma instituição que auxiliou no tratamento da enfermidade que mais acometia os manauaras: a tuberculose.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: ABREU, Martha et. ali. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2005, p. 267.

<sup>7</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta reservada a Arthur Cezar Ferreira Reis*, Manaus, 30 Ago. 1973, p. 1.

<sup>8</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta reservada a Arthur Cezar Ferreira Reis*, Manaus, 30 Ago. 1973, p. 1.

<sup>9</sup> CHAVES, Cláudio. Djalma Batista: ciência e medicina. In: BRAGA, José (Org.). *Reencontro com Djalma Batista*. Manaus: EDUA, 2016, p. 34-35.



Mas, ironicamente, o grande médico dispunha de uma frágil saúde. É o que fica patente por meio de uma breve pesquisa iconográfica do personagem desde a sua juventude até a meia idade. Djalma Batista sempre foi um homem alto e franzino. Na medida em que se dividia entre muitas funções além dos plantões, é compreensível que o bom doutor talvez não tivesse um bom regime alimentar. Arthur Reis em carta escrita em 15 de setembro de 1960 já demonstrava a preocupação com o estado do amigo: “Agora a sua saúde – a perna endireitou, a gordura chegou, a dieta acabou?”.<sup>10</sup>

Portanto, é possível que o derrame que acometeu Djalma Batista em 1972 tenha se originado de uma combinação de fatores físicos e emocionais. Por um lado, uma série de acontecimentos graves que recaíram sob sua vida, por outro, a saúde baqueada pelo ritmo intenso de trabalho.

Na feliz expressão de Foucault, o corpo é também a “superfície de inscrição dos acontecimentos”.<sup>11</sup> Não por acaso ele também foi objeto de muita reflexão, seja na Antiguidade ou na Modernidade. Os cuidados ou técnicas de si estão intimamente relacionados com o aproveitamento das potencialidades do corpo e da mente. Aproveitar e não desperdiçar. No entanto, cada cultura tem sua noção sobre o que propriamente significa “aproveitar” e “desperdiçar”.

Em se tratando dos gregos, Foucault identifica uma economia dos desejos com vistas a evitar o dispêndio, que apressaria a degradação do corpo. Preocupação essa que se manifestaria inclusive na escrita de cartas: o autor relata sua condição física e espera receber recomendações de seu interlocutor. A missiva se torna também o espaço de uma troca sobre conselhos e cuidados, evidenciando a força dessa amizade na construção de um eu melhor.<sup>12</sup>

Essa prática tornou-se um dos pilares da escrita epistolar ocidental. Costumeiramente informamos sobre nossa saúde, como Djalma Batista na carta de 1973, e cobramos mais detalhes sobre o estado do destinatário, como Arthur Reis o fez acima. Mas o historiador também oferecia ao amigo alguns conselhos para manter-se são. O próprio Djalma Batista menciona esse costume na referida missiva de meados de agosto de 1973:

V. sempre me estimulou (e cobrou) a apresentação de um livro. E eu quero lhe dizer que sempre desejei escrevê-lo. Mas, além das limitações

<sup>10</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Carta a Djalma Batista*. Rio de Janeiro, 15 Set. 1960, p. 2.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 22.

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Ética, sexualidade e política*, p. 159.



da vida, que lhe expus de início, tive medo de escrever um livro que não levasse a coisa alguma, como dizia o Cosme Ferreira.<sup>13</sup>

Por mais que escrever um livro seja tradicionalmente considerado como uma forma de realização pessoal, seria demais encará-la nesse caso como uma dica para Batista reestabelecer sua saúde? Atualmente, graças às inúmeras experiências inclusive na Psicologia, os efeitos terapêuticos da Arte em geral já são reconhecidos por muitos, mas o mesmo não pode ser dito no contexto em que a carta foi escrita.

Um ponto que precisa ser destacado é que o próprio Djalma Batista afirma que Reis “sempre estimulou” a produção do livro, ou seja, já era algo recomendado antes mesmo do médico passar por essa “borrasca”. Porém, uma boa consulta na correspondência trocada entre estes dois amigos na década anterior revela que o conselho de Reis tem um peso muito mais profundo para Batista.

### “Seu Arthur, V. tem razão”: A experiência no Inpa

Apesar de terem trocado correspondência em 1969, como atesta uma carta no acervo de Arthur Reis, Djalma Batista inicia o retrospecto de sua condição por janeiro de 1968 na missiva de agosto de 1973. Isto ocorre porque para Batista 1968 é um marco senão para sua carreira ao menos para sua relação com Reis.

Arthur Reis mudou-se para o Rio de Janeiro em 1945. Já era conhecido como o autor de *História do Amazonas* (1931), primeiro esforço de sistematização do conhecimento histórico local, e por ter sido acolhido por Gilberto Freyre, um dos medalhões do cenário cultural de então, como um de seus discípulos. Reis trabalhava para o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio desde 1939, quando foi aprovado em concurso público, e na capital federal foi gradativamente sendo convidado para postos mais expressivos na administração pública.<sup>14</sup>

Paralelo à sua ocupação profissional, Arthur Reis envolveu-se em campanhas pelo desenvolvimento da Amazônia por meio de conferências e artigos na grande imprensa. Como assevera Lúcia Lippi de Oliveira, o nacionalismo adquiriu uma centralidade no campo intelectual brasileiro a partir da década de 1930, fornecendo, portanto, grande apoio para a pauta amazônica.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta reservada a Arthur Cezar Ferreira Reis*, Manaus, 30 Ago. 1973, p. 2.

<sup>14</sup> DANTAS, Hélio. *Arthur Cezar Ferreira Reis: trajetória intelectual e escrita da História*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p. 30/76.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. Brasília/Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Fundação Getúlio Vargas, 1980, p. 45.



Um bom exemplo foi a celeuma sobre o Instituto Hileia Amazônica, projeto de criação de uma instituição internacional de pesquisa científica na região sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Reis cerrou fileiras contra o projeto ao lado de personalidades públicas como o ex-presidente Arthur Bernardes por entender que representava um golpe na soberania nacional.<sup>16</sup>

Em reação ao projeto da Hileia Amazônica o governo brasileiro fundou em 1952 o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Após a passagem do biólogo Olímpio Fonseca, que foi brevemente substituído pelo médico Tito Arcoverde, Arthur Reis é indicado como seu sucessor pelo presidente em 1956.<sup>17</sup>

O historiador já havia sido indicado pelo presidente Getúlio Vargas para dirigir a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) em 1953, mas essa autarquia federal destinada a subsidiar o desenvolvimento regional encontrou uma série de dificuldades em seus primeiros anos. Arthur Reis demitiu-se em dezembro de 1955 como um protesto.<sup>18</sup> Importa perceber por ora que Reis tinha um currículo de projeção nacional inclusive na administração pública.

Na qualidade de diretor do Inpa, Arthur Reis articulou-se com pesquisadores de outros institutos enquanto almejava produzir e publicar estudos realizados pela casa. Em seu relatório, o historiador considera as publicações como uma realização extremamente pertinente.<sup>19</sup> Elas representavam a materialização de um conhecimento produzido regionalmente, justificando a existência do Inpa e podendo inclusive influenciar nas políticas públicas para a região.

Como assinala Hélio Dantas, Arthur Reis defendia em sua obra historiográfica que a quimérica Amazônia só foi conservada para a nação brasileira, pois os colonizadores

---

<sup>16</sup> REIS, Arthur Cezar Ferreira. O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: origem, objetivos, funcionamento e sua contribuição para o conhecimento realístico da Amazônia. *Raízes da Amazônia*, Manaus: Inpa, 2005, p. 46.

<sup>17</sup> PANZU, Angela. *O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: trajetória institucional por meio de suas práticas científicas (1954-1975)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015, p. 24.

<sup>18</sup> A renúncia da direção da SPVEA como protesto é um fato constatável a partir da análise da correspondência trocada entre o historiador e elementos da política federal, dentre eles o então presidente Café Filho (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Carta ao Exmo. Sr. Presidente Café Filho*. Belém, 20 Set. 1955, p. 2).

<sup>19</sup> Arthur Reis criou o departamento de Publicação, onde seriam divulgadas teses e monografias dos pesquisadores do Inpa. Em 1958 já haviam sido publicados 27 trabalhos. Vez ou outra o Boletim do Inpa, de linguagem muito mais acessível, era publicado pela Editora Sérgio Cardoso em Manaus (PANZU, Angela. *O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: trajetória institucional por meio de suas práticas científicas (1954-1975)*, p. 120 e 122).



portugueses souberam aliar o saber sobre a região com a ação política.<sup>20</sup> A implicação lógica dessa interpretação é de que uma política de valorização da Amazônia deveria passar pela conciliação entre conhecimento e pragmatismo. Portanto, o Inpa para o historiador era uma ferramenta que viabilizaria o “adequado” desenvolvimento da Amazônia.

Angela Panzu em seu estudo demonstrou a colaboração de Batista com Reis, principalmente durante as expedições científicas. Mas uma carta de Arthur Reis de 07 de setembro de 1956 trouxe-lhe uma notícia surpreendente:

Segunda feira passada entreguei o meu pedido de demissão, que provocou quase um escândalo no Conselho. (...) Ficou em aberto, porém, a escolha do substituto. No decorrer da conversa não encontrei oportunidade para falar claro em seu nome. Daí porque escrevi uma longa carta ao Presidente do Conselho mostrando que seria um erro escolher pessoa estranha e que o nome que me parecia indicado, pelas razões que aduzi, seria o seu.<sup>21</sup>

De fato, Djalma Batista veio a ser nomeado como diretor do Inpa, mas somente após Tito Arcoverde administrar de forma interina a instituição por um ano. A indicação de Reis demonstra a confiança que o historiador depositava em seu amigo, uma vez que sabemos o quanto o Inpa era importante na sua concepção do “correto” desenvolvimento regional. E o próprio Batista não era alheio ao valor da indicação.

Em 1963 por ocasião de um fórum sobre a Amazônia promovido pelo movimento estudantil, Djalma Batista escreveu uma carta para se despedir e especialmente agradecer ao amigo que lhe indicou para conferenciar no evento. De acordo com Batista:

V. foi generoso, como sempre, e isto me deixou mole... Mas o que realmente me sensibilizou mais foi a reafirmação da sua confiança na minha atuação como Diretor do INPA. Tenho feito tudo para não desmerecer essa confiança. Espero que melhores caminhos surjam, para melhor corresponder ao seu apoio e solidariedade.<sup>22</sup>

O convite de Arthur Reis também representa a persistência do seu ideal de divulgação da Amazônia para o Brasil, como forma de sensibilizar a consciência nacional. Lembremos a força que Reis deu para as publicações em sua passagem pelo Inpa.

---

<sup>20</sup> DANTAS, Hélio. *Arthur Cezar Ferreira Reis: trajetória intelectual e escrita da História*, p. 92.

<sup>21</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Carta a Djalma Batista*. Rio de Janeiro, 07 Set. 1958, p. 1.

<sup>22</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Rio de Janeiro, 01 Dez. 1963, p. 1.



A gestão de Djalma Batista á frente do Inpa foi uma das mais longas até então, tendo sido iniciada em 1959 e encerrada em 1968. Seu mandato atravessou governos os mais distintos, bem como vivenciou tanto o regime democrático quanto o ditatorial.

Em 1964, o Golpe Civil Militar que depôs o presidente João Goulart em nome da ameaça comunista também permitiu que seu amigo, Arthur Reis, fosse indicado pelo marechal Castelo Branco como governador do Amazonas. Angela Panzu evidencia através de uma carta do médico de que ele tinha esperança de que com a ascensão do historiador ao governo mudasse o quadro pouco favorável ao centro de estudos.<sup>23</sup>

Mas a situação não parece ter mudado. É o que indica uma epístola escrita em janeiro de 1965, quando Djalma Batista menciona um exército de “desfuncionários” do instituto no Rio de Janeiro que pretende se livrar, mas se trata de “gente apadrinhada, o que estorva tudo” e a ausência de “vintém na Tesouraria”.<sup>24</sup>

Eis, em suma, as maiores dificuldades encontradas por Batista na administração do Inpa: a capacitação de pessoal técnico e o baixo orçamento. Para se ter uma ideia, por mais de 10 anos o órgão careceu de uma sede física, tendo sido dividido em departamentos localizados em Manaus e no Rio de Janeiro.

Na mesma carta de 1965, Djalma Batista pede encarecidamente que Arthur Reis lhe ajude com sua experiência e amizade, uma vez que ele passara por uma situação semelhante quando dirigiu a SPVEA. Arthur Reis em textos posteriores lamentou que a atuação da autarquia tenha sido prejudicada pelos interesses partidários que arrefeciam os recursos essenciais para o funcionamento da SPVEA.<sup>25</sup>

Em 1962 Djalma Batista já cogitava largar o Inpa pelo que dá a entender uma longa e objetiva carta de Arthur Reis de 05 de abril do mesmo ano, na qual o historiador argumenta:

Insisto no apelo – não abandone o lugar, evitando que caia em mãos de aventureiros e se perca o seu trabalho. Falo ao amigo. A solução não será a sua saída, mas, na hipótese de não ser possível resistir à pressão dos malandros, devolver o convênio à SPVEA, para que fique com a batata quente nas mãos. Não deserte. (...) Você tem tudo que é a sua vida em Manaus; eu, no Rio, a cada dia mais dominante do meu destino, apesar das angústias que me atormentam. Resista ou desista do trabalho; nunca do cargo que você tanto dignifica. Sei o que deve estar sofrendo.

---

<sup>23</sup> PANZU, Angela. *O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: trajetória institucional por meio de suas práticas científicas (1954-1975)*, p. 39. A título de esclarecimento, o Inpa é um órgão federal, portanto, a esperança da ascensão de Reis se devia aos contatos políticos do historiador com a cúpula militar que o indicou e não com a possibilidade do governo estadual fornecer verbas para a instituição.

<sup>24</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 02 Jan. 1965, p. 1.

<sup>25</sup> REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Temas amazônicos*. Manaus: Imprensa Oficial, 1983, p. 50.



O cumprimento do dever no Brasil exige sacrifícios pesados. Eu já os estou experimentando no meu novo cargo.<sup>26</sup>

Mas os sinais da sua desilusão já despontam nesse mesmo texto quando ele menciona que tentou mobilizar a intelectualidade local para recuperar o Museu do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), mas que não obteve apoio de ninguém. “Seu Arthur, V. tem razão: no Amazonas, ninguém quer nada...”<sup>27</sup>

Em janeiro de 1968, Djalma Batista finalmente cedeu às dúvidas que o assolavam sobre sua permanência no Inpa. Argumentou que se o instituto estava suficientemente forte graças ao seu trabalho então ele sobreviveria sem ele, caso contrário... outra solução seria encontrada. O fragmento abaixo é especialmente interessante:

Seu amigo Marechal Castello Branco, que não disse nem fez muitas cousas aproveitáveis, saiu-se uma vez com estas palavras surpreendentemente sensatas: ‘ De homens necessários os cemitérios estão cheios...’

Não creia que eu estou desertando ou renunciando à luta. Quero preservar, porém, com uma retirada estratégica, o que tentamos construir juntos. Pense bem nisto que V. compreenderá a minha atitude.<sup>28</sup>

Por meio dessas palavras, Djalma Batista procurava evitar que Arthur Reis decepcionasse com o amigo que reiteradas vezes garantiu que tentaria ao máximo honrar a confiança que havia sido depositada em si. Arthur Reis, por seu turno, ainda tentou demovê-lo da ideia alegando que “sua retirada seria a vitória dos que sustentam a nossa incapacidade para realizar coisas sérias na Amazônia” e ainda aconselhou: “Denuncie a conspiração que se trava para impedir que ele caminhe na execução de suas finalidades. Fale aos jornais com decisão. Mas permaneça”.<sup>29</sup>

Quando Djalma Batista completou seu natalício em fevereiro daquele ano, não tinha mais volta. Sua demissão já havia sido consumada. Reis, que era conhecido por ser um homem muito objetivo, parece medir as palavras antes de adentrar no delicado assunto que pretende abordar. Ele inicia reafirmado que muitos lamentaram a decisão de Batista

---

<sup>26</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Carta a Djalma Batista*. Rio de Janeiro, 05 Abr. 1962, p. 1.

<sup>27</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 02 Jan. 1965, p. 1.

<sup>28</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta reservada a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, Jan. 1968, p. 1.

<sup>29</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Carta a Djalma Batista*. Rio de Janeiro, 03 Jan. 1968, p. 1-2.



e que ele sempre foi o “amigo certo de horas incertas”. Em seguida o historiador finalmente esclarece que:

Você assumiu com a sua geração, um compromisso que entende fracassado, segundo me disse aqui no Rio. Esse fracasso não lhe pode ser atribuído sencerimoniosamente [sic]. Ele é muito mais de todos nós, que não podemos vencer a hipocrisia de alguns e a incapacidade para ver o futuro de muitos outros, compostos de responsabilidade em nossa terra. Sua responsabilidade, com sua saída do INPA, não cessou. (...) E não cessou porque agora chegou o momento, liberto das preocupações administrativas (...) chegou o momento de, pôr por escrito, tudo quanto teve ocasião de verificar e de aprender. (...) Chegou, portanto, o momento de por em livro tudo isso. E com as suas reflexões sobre o INPA, o livro que reflita suas impressões. (...) Temos contas a dar sobre o que apuramos e o que podemos e o que podemos adiantar para o futuro. Escreva o livro.<sup>30</sup>

Fecundo em informações, esse fragmento revela que Djalma Batista entendia que havia fracassado em sua missão a favor do desenvolvimento da região e, por conseguinte, decepcionado seu amigo. É possível que a amizade entre ambos tenha sofrido um pequeno abalo por meio da decisão de sair do Inpa, mas vemos que Reis ainda tentou consolar Batista, sugerindo que sua luta continuasse por meio da divulgação da sua experiência.

Batista gastou muitos anos de sua vida tentando equipar o Inpa e o largou sentindo-se derrotado. Para Reis, a publicação do livro funcionaria como uma espécie de revanche. Trata-se de uma recomendação para atravessar um momento difícil ao sabor dos cuidados de si presente nas cartas da Antiguidade, mas também seria uma forma de preservar a integridade da carreira do amigo. Reis sabia por experiência própria que era preciso contar com a opinião pública e um livro poderia ser a forma mais pungente de fazê-lo. Como prolongamento de sua campanha contra os institutos estrangeiros na Amazônia, o historiador lançou o livro *A Amazônia e a Cobiça Internacional* (1960), que contou com uma enorme repercussão, sendo reeditado ao longo de 30 anos.<sup>31</sup>

Mas, como sabemos por meio da carta de agosto de 1973, Batista sempre temeu não poder contribuir á altura do que Reis esperava. O velho problema da expectativa. Entre 1968 e 1973, Batista passou por maus bocados, sendo o derrame talvez o pior de todos. Teria o espectro da finitude influenciado sua decisão de finalmente escrever o livro? É possível. O fato é que ao anunciar seu intento ao historiador, o médico com isso associava

---

<sup>30</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Carta a Djalma Batista*. Rio de Janeiro, 29 Fev. 1968, p. 1-2.

<sup>31</sup> PACHECO, Alexandre. A narrativa heroico-nacionalista de Arthur Reis na representação da defesa da Amazônia pelos portugueses e luso-brasileiros em *A Amazônia e a Cobiça Internacional* – anos de 1960. *História da Historiografia*, v. 10, 2012, p. 95.



o livro como o fim da péssima fase inaugurada em 1968, com sua saída do Inpa. Ou seja, o livro em si representava uma forma de superar um sombrio capítulo de sua vida para que ela pudesse seguir.

### **Companheiros de “aventuras”: projetos em comum**

A leitura da correspondência pode indicar que o hiato entre 1968 e 1973 foi de profundo ostracismo para Djalma Batista, mas esse período também compreendeu o mandato do médico na presidência da Academia Amazonense de Letras (AAL).

O ano de 1968 foi especialmente emblemático, pois o sodalício completou seu cinquentenário. Batista havia sido eleito para substituir o desembargador Leônico Salignac e Souza e procurou festejar a efeméride movimentando a Academia: personalidades ilustres, como Josué Montuello, foram convidadas para conferenciar e integrantes mais jovens foram aceitos como imortais.<sup>32</sup>

No discurso de recepção ao jovem poeta Elson Farias, o médico afirmava que a sua posse, efetuada em fevereiro de 1969, representava “um novo ciclo da Academia”, comprometido com novas lutas.

Lutas, sim, porque desejamos uma Academia integrada no processo de desenvolvimento do Amazonas e do Brasil, em que homens, representantes da cultura do povo, criem, debatam e transmitam – pensamentos e ideias que possam influir na mentalidade coletiva.<sup>33</sup>

Batista foi sucessivamente reeleito até 1973, quando não quis mais integrar nova chapa. Nesse interim, o presidente da AAL propôs diversos concursos literários e ciclo de conferências para que a instituição seguisse firme com o propósito afirmado acima. Podemos supor que a saída da AAL tenha coincidido com a decisão de publicar o livro, empreitada que lhe exigiria total dedicação.

Infelizmente, não há no acervo do historiador a cópia da carta que este remeteu a Djalma Batista em resposta àquela missiva de agosto de 1973, mas é seguro dizer que Reis aplaudiu a ideia com o maior entusiasmo. Em carta de 25 de setembro de 1973, o médico comemora:

Achei sua carta muito legal. É o mesmo de 40 anos atrás, quando eu e os colegas íamos procura-lo querendo publicar uma revista (e tomamos conta, mesmo, da ‘Página Salesiana’: lembra-se?).<sup>34</sup>

<sup>32</sup> BATISTA, Djalma. Lições do Cinquentenário. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n. 27, Manaus, jul-dez 1968, p. 24.

<sup>33</sup> BATISTA, Djalma. A palavra do presidente. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n. 14, dez. 1969, p. 132.

<sup>34</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 25 Set. 1973, p. 1.



Djalma Batista sempre admirou no amigo a sua produtividade. Em discurso em 1967 por ocasião da posse de Reis como imortal da AAL definiu a disposição do historiador como quase “febril”, enquanto em carta de junho de 1974 alegava que ele possuía a capacidade “de ‘quem não tem tempo, faz tempo’”.<sup>35</sup>

Que Arthur Reis possuía um ritmo de escrita muito acelerado, não é nenhum segredo se considerarmos sua extensa e constante bibliografia, iniciada ainda na década de 1920 e somente interrompida pelo seu falecimento em 1993. Batista, por outro lado, era dono de uma escrita mais compassada, posto ser muito zeloso sob o que pretendia divulgar. Mesmo o projeto de livro que animar publicar também foi escrito devagar, “e não poderia ser de outra maneira: não é assunto de improvisação nem de criação romântica”.<sup>36</sup>

Mas o mais interessante exposto no fragmento acima é a evocação dos tempos passados, quando Djalma Batista era estudante do Colégio Dom Bosco e Arthur Reis, na qualidade de professor de História da instituição, incentivou a criação de uma revista discente. Eis aqui a gênese da amizade destes dois personagens.

Em 1928, Arthur Reis retornou ao Amazonas com o anel de bacharel da Faculdade de Letras e Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, mesma instituição em que seu pai, Vicente Torres Reis, havia se formado. Contudo, o jovem manauara decidiu não seguir Direito ou tampouco comandar a redação do *Jornal do Comércio*, propriedade de seu pai. Reis optou por lecionar História no Colégio Dom Bosco, estabelecimento de ensino criado recentemente pela ordem salesiana para atender as tradicionais famílias locais.<sup>37</sup>

Dentre seus alunos, Arthur Reis contou com muitos nomes que posteriormente se destacariam em suas respectivas profissões, como Benjamin Brandão e Oyama César Ituassu da Silva. Um desses estudantes era o filho do primeiro casamento de Gualter Marques Batista, funcionário público com circulação entre a intelectualidade manauara: Djalma Batista. Em artigo para o *Jornal do Comércio* em 1977, Batista confirma que “minha ligação com Arthur Reis data dessa época, quando eu fazia o curso secundário no

---

<sup>35</sup> BATISTA, Djalma. Saudação a Arthur Cezar Ferreira Reis. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n. 27, Manaus, jul-dez 1968, p.167; ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 04 Jun. 1974, p. 1.

<sup>36</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 25 Set. 1973, p. 1.

<sup>37</sup> DANTAS, Hélio. *Arthur Cezar Ferreira Reis: trajetória intelectual e escrita da História*, p. 31.



Colégio ‘D. Bosco’, sendo seu aluno em História; não apenas em História, mas, sobretudo em amazonismo”.<sup>38</sup>

Por “amazonismo” devemos compreender o projeto de desenvolvimento regional defendido pelas elites locais, desoladas após a crise das exportações de borracha em 1910. Marco Aurélio Coelho Paiva demonstrou habilmente que esses quadros sociais passaram a investir na formação de elementos políticos e intelectuais engajados com a recuperação econômica do Amazonas, o que explica como AAL e o IGHA, principais instâncias da cultura erudita, só ganharam impulso após a crise da borracha.<sup>39</sup>

Reis e Batista estão vinculados a essas elites por meio de sua origem social: Emília Ferreira da Silva Reis, mãe de Arthur, e Edith de Casto Batista, madrastra de Djalma, eram herdeiras respectivamente do seringalista Coronel Cosme Ferreira e do engenheiro Bretislau de Castro Júnior, dois grandes expoentes políticos e econômicos durante o *boom* da borracha.<sup>40</sup> Ambos assumiram a expectativa das famílias tradicionais de reerguimento da pujança econômica do Amazonas como responsabilidades de sua geração.

Portanto, a recorrência de termos como “missão”, “luta”, “geração” não é gratuita na correspondência de Batista e Reis. Eles se entendiam como os signatários do desenvolvimento regional. Nessa relação, coube a Arthur Reis iniciar Djalma Batista no “compromisso amazônico”, despertar sua consciência para o “amazonismo”, portanto nada mais natural que eles assumam respectivamente o papel de mestre e discípulo.

Com a saída de Arthur Reis de Manaus, Djalma Batista passou a ser uma de suas fontes mais confiáveis sobre o que vinha acontecendo em sua terra natal. Batista dá a entender que o que motivou a mudança do historiador foram incompreensões locais e, de fato, uma consulta aos periódicos no início da década de 1930 revela que Reis foi acusado de ter plagiado seus mestres em seu primeiro livro.<sup>41</sup> A experiência marcou profundamente o historiador, sendo expressa inclusive nas cartas trocadas com outros intelectuais. É o caso do antropólogo Nunes Pereira que, segundo Selda Vale Costa, foi admoestado da seguinte maneira pelo historiador por tentar criar um instituto cultural com

---

<sup>38</sup> BATISTA, Djalma. Arthur Cesar Ferreira Reis. In: BATISTA, Edith Limongi et. ali. *Artigos e Crônicas*. Manaus: EDUA, 2016, p. 101. O artigo foi publicado originalmente em 04 de Setembro de 1977.

<sup>39</sup> PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. *A conquista intelectual do Amazonas (1900-1930)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, São Paulo, 2000, p. 46-48.

<sup>40</sup> DANTAS, Hélio. *Arthur Cesar Ferreira Reis: trajetória intelectual e escrita da História*, p. 31; CHAVES, Cláudio. *Djalma Batista: ciência e medicina*, p. 33.

<sup>41</sup> BATISTA, Djalma. Arthur Cesar Ferreira Reis. In: BATISTA, Edith Limongi et. ali. *Artigos e Crônicas*. Manaus: EDUA, 2016, p. 101; BIBLIOTECA NACIONAL. REIS, Arthur César Ferreira. Aos meus conterrâneos. *Jornal do Comércio*, Manaus, 09 Dez. 1931, p. 1.



os locais: “Que é mesmo essa sociedade que fundaste? Com essa gente daí não acredito que consigam algum êxito. Se fosse futebol ou alguma safadeza [...]”.<sup>42</sup>

O fato é que Arthur Reis a partir da década de 1940 adquiriu um capital simbólico de destaque ao se aproximar de personalidades nacionais no Rio de Janeiro. Ele se torna o “mestre”, aquele que muitos desejavam se escudar para favorecer suas próprias aspirações intelectuais. Ainda assim, Reis continuou fiel ao “compromisso” de sua geração, como atesta a sua participação na SPVEA e no Inpa. É seguro dizer que Reis e Batista procuravam aplicar seu ideal de desenvolvimento regional cada qual em sua esfera, seja estadual ou nacional. Ambos cientes de que precisavam estar sempre articulados.

A partir das estratégias e práticas agenciadas por estes personagens fica patente uma das grandes potencialidades da fonte epistolar especialmente para a história dos intelectuais: o acesso ao que Jean-François Sirinelli chamou de “redes de sociabilidade”, ou seja, aquelas relações “tensionadas por forças de adesão – as fidelidades, amizades e influência – e de exclusão – as divergências, tomadas de posição em debates”.<sup>43</sup>

O engajamento com o desenvolvimento da Amazônia era abertamente declarado tanto em Batista quanto em Reis, mas sua atuação dependia de articulações estabelecidas fora do âmbito público. A escolha de Djalma Batista como diretor do Inpa é um bom exemplo, mas indicações e mobilizações de contatos talvez tenham sido mais utilizadas enquanto o médico ocupou a presidência da AAL.

Em carta de 16 de Agosto de 1969, Djalma Batista relatava que estava trabalhando para convidar o filólogo Aurélio Buarque de Hollanda para conferenciar em Manaus através do auxílio do historiador José Honório Rodrigues, amigo de Arthur Reis, e, aproveitando o ensejo:

Quero lhe pedir para convidar o Ariano Suassuna para vir a Manaus também para um curso no fim de ano. Pode ser sobre o teatro brasileiro atual ou literatura no Nordeste. Mas quero ainda que V. pague a passagem do conferencista pelo Conselho Federal. Não temos aqui nenhuma fonte utilizável.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> REIS, Arthur Cezar Ferreira In COSTA, Selda Vale da. Por rios amazônicos: conversas epistolares com Nunes Pereira. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Orgs.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Ufam, 2007, p. 282. (A carta citada é dataa de fevereiro de 1944).

<sup>43</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.) *Por uma história política*. 2ª ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 254; GONTIJO, Rebeca. *História, cultura, política e sociabilidade intelectual*, p. 259.

<sup>44</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 16 Ago. 1969, p. 1.



O dramaturgo Ariano Suassuna, reconhecido nacionalmente pelo sucesso de sua obra *O Auto da Compadecida*, integrava o Conselho Federal de Cultura (CFC), órgão criado em 1967 para criar políticas públicas de incentivo à cultura nacional. Ao concluir seu mandato como governador em 1967, Arthur Reis foi logo convidado para participar da instituição e a partir de 1969 passou a presidi-la.<sup>45</sup>

Seja permitindo a entrada de jovens artistas na AAL ou negociando a vinda de personalidades nacionais para o Amazonas, Djalma Batista atuava com o fito de formar novos quadros dirigentes, pois, afinal, como concluía em artigo escrito na década de 1950, a “civilização só pode surgir com um movimento de cima para baixo, isto é, dos homens de estudo para a massa”.<sup>46</sup> Nesse sentido, Batista carregava o traço elitista como muitos intelectuais de sua “geração”, mas é preciso salientar que seu pensamento possuía algumas peculiaridades.

#### **“A lição do livre debate”: As “diferenças ideológicas”**

Passados tantos anos, Arthur Reis e Djalma Batista ainda reencenavam o papel de mestre e discípulo vez ou outra. É o que acontece quando Batista inicia a pesquisa sobre seu livro. A partir deste momento, as cartas enviadas a Reis são recheadas de perguntas.

Não raro Djalma manifestava seu espanto para com a vastidão do assunto que se propôs a abordar. Comentando sobre um artigo de Reis em um periódico que chegou em suas mãos ele brinca: “Acho graça, hoje, dos que pensam que sabem alguma coisa da Amazônia!”.<sup>47</sup>

Muitas vezes, a dificuldade de contemplar questões que pareciam primárias frustrava o autor, como fica patente na carta de 04 de junho de 1974: “Mas como é difícil qualquer coisa sobre a Amazônia! Ninguém ainda me informou aquela coisa preliminar, da utilidade do caucho, da balata e do couro de peixe-boi!”.<sup>48</sup>

Outras vezes se abatia sobre Batista a insegurança, a desconfiança sobre a validade de seu empreendimento. Quando Reis incita para que o amigo conclua logo a obra, este responde: “Fiquei frio com o seu apelo, para terminar logo o meu livro, diante da torrente

---

<sup>45</sup> MAIA, Tatiana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: O Conselho Federal de Cultura (1967-1975)*. São Paulo: Itáu Cultural/ Iluminuras, 2012, p. 59.

<sup>46</sup> BATISTA, Djalma. Cultura amazônica (ensaio de interpretação). In: \_\_\_\_\_. *Amazônia: Cultura e sociedade*. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2006, p. 90. O artigo, dividido em três partes, foi publicado originalmente na Revista da Academia Amazonense de Letras entre maio e dezembro de 1955.

<sup>47</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 25 Mar. 1974, p. 1.

<sup>48</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA. Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 04 Jun. 1974, p. 1.



de asneiras e hostilidades circulante sobre a Amazônia. Será que não vou engrossar essa torrente?...”<sup>49</sup>

Confrontando a correspondência é possível dizer que a escrita do livro oscilou desde o primeiro momento entre a determinação e a incerteza do seu autor sobre o valor de sua contribuição. Na carta em que manifesta a sua decisão, escrita em setembro de 1973, Batista ao mesmo tempo em que informa que entrou no assunto “com apetite”, pede que o amigo mantenha o caso em segredo, pois “o assunto é tão manjado”.<sup>50</sup>

Mas a relação entre Reis e Batista não era pautada apenas em uma reverência cega deste por aquele. Esse talvez seja o ponto mais interessante do diálogo travado entre eles em suas cartas. Batista recorre a Reis em busca de maiores detalhes, recomendações de fontes e autores, mas ao mesmo tempo também discute muitos pontos considerados controversos para o historiador.

Na mesma carta em que firma seu compromisso em escrever o livro, Batista envia a Reis uma série de questões e dentre elas uma provocação:

5ª Defendo que a Amazônia já tinha sido intensamente explorada pela população indígena, antes do descobrimento. Só que não ficaram as marcas da exploração, em consequência das limitações técnicas dos índios, que eram ‘multidões infinitas de tabas indígenas’ (este autor v. conhece muito). Concorda com a tese?<sup>51</sup>

A hipótese de Djalma Batista colidia em muitos sentidos com uma visão muito arraigada na historiografia tradicional, da qual Arthur Reis era um grande fiador, de que a colonização lusitana foi o marco zero da fundação da “civilização” brasileira. Repousava um profundo etnocentrismo nessa perspectiva, que considerava a sociedade ocidental como “avançada” tanto cultural quanto materialmente e as demais “primitivas”.

Em outra oportunidade, em missiva do início de junho de 1974, Djalma Batista louva como “formidável” a ideia de uma Pan-Amazônia, a criação de uma comunidade de ajuda mútua entre os países amazônicos, mas tem suas dúvidas sobre sua consecução e por isso pergunta de Reis seu ponto de vista: “realidade ou mistificação?”<sup>52</sup> Mais uma vez, a questão era muito cara ao historiador, que ao encerrar seu mandato como governador do Amazonas em janeiro de 1967 permitiu que fosse sediada em Manaus uma

---

<sup>49</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 23 Jul. 1974, p. 1.

<sup>50</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 25 Set. 1973, p. 1.

<sup>51</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 25 Set. 1973, p. 1.

<sup>52</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 04 Jun. 1974, p. 1.



reunião de embaixadores brasileiros em países amazônicos para traçar as futuras diretrizes diplomáticas para a região.<sup>53</sup>

Infelizmente, as respostas de Arthur Reis não se encontram no acervo consultado, mas é interessante perceber por hora como a relação “mestre/discípulo” por vezes é suspensão e eles assumem um diálogo de “igual para igual”. Diálogo esse que não significa uma completa e total concordância de pensamento. No tocante a esse último tópico é preciso destacar que Batista e Reis possuíam grandes divergências.

Defensor do monopólio estatal na exploração do petróleo na década de 1940, Djalma Batista podia ser facilmente tachado como comunista justamente por isso.<sup>54</sup> Embora reinasse a lógica simplista da Guerra Fria, isso não impedia que o médico defendesse uma conciliação que parecia mesmo impossível naqueles tempos, como ele propõe em um artigo publicado em 1955:

E a verdade é que da banda de cá está o princípio de Liberdade; da banda de lá se acha o princípio da Justiça Social. E todos dois princípios são belos, justos e verdadeiros. Não é um absurdo teimar em não conciliá-los? (...) Estou convicto de que só há uma força, hoje, no mundo, capaz de sustentar os ideais supremos de Liberdade, de Justiça Social e de Paz: é a cultura!<sup>55</sup>

Enquanto Djalma Batista se encontrava mais próximo dos progressistas no espectro político, Arthur Reis movia-se no extremo oposto. A partir da década de 1950, o historiador aproximou-se de setores conservadores e o símbolo do seu prestígio entre eles é comprovado pela sua indicação como governador do Amazonas pelo marechal Castelo Branco após a consumação do Golpe Civil-Militar de 1964.

Uma das grandes justificativas dos vitoriosos em 1964 era de que expurgos seriam necessários para libertar o Brasil de ameaça comunista que havia corrompido a política e os costumes para então devolver o país à democracia. Sob esse pretexto, as lideranças políticas identificadas com a pauta reformista foram afastadas da cena pública, como João Goulart. Posteriormente, qualquer nome de prestígio superior aos dos militares foi perseguido, como Juscelino Kubitschek.<sup>56</sup>

Após sair do governo do Amazonas e ingressar no CFC, Arthur Reis recebeu uma carta de Batista na qual ele perguntava de forma irônica: “Como vai V. com seu

<sup>53</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal do Comércio*, Manaus, 04 Jan. 1967, p. 5.

<sup>54</sup> AFFONSO, Almino. Djalma Batista e a Petrobrás. In: BRAGA, José (Org.). *Reencontro com Djalma Batista*. Manaus: EDUA, 2016, p. 67.

<sup>55</sup> BATISTA, Djalma. *Amazônia: Cultura e sociedade*, p. 97.

<sup>56</sup> NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do regime militar brasileiro*. 7ª reimp. São Paulo: Contexto, 2019, p. 92.



Arthur?”.<sup>57</sup> No ano seguinte, justificando sua saída do Inpa, Batista afirmaria: “Seu amigo Marechal Castello Branco, que não disse nem fez muitas cousas aproveitáveis, saiu-se uma vez com estas palavras surpreendentemente sensatas: ‘De homens necessários os cemitérios estão cheios...’”.<sup>58</sup>

O tratamento dado aos presidentes Castello Branco e Costa e Silva não parece ter sido usado com o sentido de louvar a proximidade entre Reis e os líderes militares. Como fica claro pelo juízo que Batista fez do primeiro (“que não disse nem fez muitas cousas aproveitáveis”), o “seu amigo” parece ter sido usado com o sentido de demarcar o quanto o médico desprezava suas ações.

O mesmo parece valer para o marechal Artur da Costa e Silva, pois na mesma carta em que Batista menciona o “amigo de Reis” (sublinhando o “seu”) ele criticava parágrafos antes as diretrizes do novo Ministro da Educação. Costa e Silva é conhecido como o presidente que ao editar o famigerado Ato Institucional N. 5 em dezembro de 1968 inaugurou o período de maior truculência da Ditadura.

Na correspondência da segunda metade da década de 1970, Batista deixa de ser sutil em sua reprovação, dizendo com todas as letras:

Não esqueçamos a lição de que o livre debate é que faz surgirem os líderes. A Revolução não quis aprender essa verdade e teve a capacidade de destruir todos os que existiam ou estavam nascendo.<sup>59</sup>

E o autor ainda encerra alertando que a PIDE, a polícia política da ditadura de Antonio Salazar em Portugal, “pode estar por perto”. A crítica de Batista demonstra que o Brasil entrava em um novo momento, uma vez que agora ele poderia criticar a “Revolução” abertamente, mas ao mesmo tempo ela também manifesta a desconfiança se de fato o alto nível de repressão e espionagem dos governos do marechal Costa e Silva e general Emílio Médici haviam de fato sido suspensa.

Essa ambiguidade está presente na própria política do então presidente general Ernesto Geisel, que defendia uma distensão, mas “lenta, segura e gradual”. Como ressalta Marcos Napolitano, isso não significava que a redemocratização já estava traçada desde o início pela cúpula do poder, mas apenas que ela desejava limitar o avanço de correntes

---

<sup>57</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 20 Abr. 1967, p. 1.

<sup>58</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta reservada a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, Jan. 1968, p. 1.

<sup>59</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 04 Jun. 1974, p. 1.



no interior da própria caserna que conquistaram muito poder no período anterior. Em outras palavras, “institucionalizar o regime”.<sup>60</sup>

Porém, a percepção de que não existiam mais líderes políticos naquela altura pode ser um tanto equivocada. Eles estavam sendo forjados tanto na sombra dos partidos oficiais, como o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), quanto na luta dos movimentos sociais, como as greves do ABC paulista e nas organizações pastorais.<sup>61</sup>

Ainda que não estivesse informado sobre tais acontecimentos, Djalma Batista repudiava o contexto político pelo qual o Brasil vinha passando. Porém, do ponto de vista regional...

Repito o que lhe disse pessoalmente: acho extraordinário o que se está tentando na Amazônia, atualmente, e louvo os que tiveram peito para tamanhas iniciativas. Eu sei que no fundo V. é um dos acionadores de tudo isso. Sua pregação, seu poder de influência, seu dinamismo e sua fé, como escritor/pensador e como político (na verdade o Governador do Amazonas foi um político da Revolução...), convenceram os homens do Brasil de que existe a Amazônia e que essa deva ser salva pelo Brasil. (...) Por isso é que procuro discutir com V. Sempre ouvi sua afirmativa de que pensamos de maneira diversa; mas quero lhe dizer que nas grandes jogadas nós acertamos o pensamento.<sup>62</sup>

Por “grandes jogadas” leia-se a defesa do desenvolvimento da Amazônia, a “missão” de suas “gerações”, o elemento que os conectava não só em pensamento, mas também em sua luta política enquanto intelectuais e homens públicos.

Provavelmente, as iniciativas mencionadas pelo médico referem-se aos projetos desenvolvimentistas direcionados para a região pela cúpula militar com o objetivo de “integrar para não entregar” a Amazônia. O primeiro grande projeto foi a Operação Amazônia, um conjunto de medidas para estimular a ocupação e o desenvolvimento industrial regional. Em seu bojo destacava-se o projeto da Zona Franca de Manaus.

A proposta de conceder incentivos fiscais para que empresas se instalassem em Manaus foi festejada na época como um marco para a industrialização da região, mas quando Djalma Batista começou a escrever seu livro já haviam transcorridos alguns anos desde a sua implantação, o que permitiu que ele pudesse avaliar seus efeitos positivos e negativos.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do regime militar brasileiro, p. 235.

<sup>61</sup> NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do regime militar brasileiro, p. 282.

<sup>62</sup> ACERVO ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS. BATISTA, Djalma. *Carta a Arthur Cezar Ferreira Reis*. Manaus, 25 Set. 1973, p. 1-2.

<sup>63</sup> BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer/ EDUA/ Inpa, 2007, p. 345-351.



Como bom médico, Djalma Batista preocupava-se que a dosagem do remédio pudesse acabar prejudicando mais que ajudando, uma vez que os primeiros sinais do desenvolvimento predatório já se faziam sentir em muitas áreas, como na destruição da fauna e da flora. Assim, Batista passa a considerar conceitos como a “Pan-Amazônia” e o “desenvolvimento auto-sustentado” como essenciais para garantir, simultaneamente, a perpetuação desse grande ecossistema e o crescimento econômico.<sup>64</sup>

Mais uma vez, a cultura surgia no pensamento de Djalma Batista como elemento amalgamador, como possibilidade de construção de um futuro mais “saúdável” para a Amazônia e inclusive como ferramenta de formação de uma identidade autêntica. Em suma, ela representaria para a região o que o projeto do livro representou para Djalma: cuidados de si.

### **Considerações finais**

Em 1977, finalmente veio a lume o livro que Djalma Batista vinha trabalhando em segredo por quatro anos sob o apoio constante de Arthur Reis, dentre outros amigos, e de sua família. Seu título ilustrava a visão holística que o autor pretendia apresentar: *Complexo da Amazônia*.

*Complexo da Amazônia* almejava realizar um diagnóstico dos problemas enfrentados pela região através de um olhar tanto sobre o passado quanto para o presente. Nesse sentido, Batista consultou uma série de documentos e fontes variada, tanto estudos históricos quanto análises recentes de cientistas de diversos campos. Coerente com sua trajetória, a obra não era apenas fruto de um interesse diletante. O maior objetivo do livro era oferecer possíveis caminhos para a Amazônia.

A obra foi celebrada imediatamente após o seu lançamento e é possível que Arthur Reis tenha sido crucial nessa repercussão, pois a passagem pelo CFC ampliou sua rede de contatos. Não encontrei no acervo de missivas, cartas do amigo parabenizando Djalma pela obra, mas certamente o historiador não seria negligente para com um projeto com o qual ele devotou apoio por tantos anos. Afinal, o próprio prefácio da obra era da lavra de Reis.

Passados dois anos do lançamento do *Complexo da Amazônia*, Djalma Batista sentiu um forte desconforto. Em 09 de agosto de 1979, ele foi internado pela esposa na

---

<sup>64</sup> BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*, p. 235.



Clínica Clinicor, instituição especializada em doenças cardíacas.<sup>65</sup> No dia seguinte, os jornais estampavam a triste notícia: Djalma Batista havia falecido.<sup>66</sup>

O enterro de Djalma Batista ocorreu dias depois no Cemitério São João Batista em cerimônia, na qual estavam presentes diversas autoridades políticas, como o governador do Amazonas, e representantes do IGHA, da AAL e do Inpa. Nenhum discurso foi feito, seguindo desejo expresso pelo próprio Batista.

Um mês depois, nas páginas do *Jornal do Comércio*, Arthur Reis publicou um artigo com o simples título “Djalma Batista”. Lembrando como se conheceram e como ao longo dos anos nunca ouviu dele o “comentário rude” ou a “intenção maldosa”, por mais que discordassem, o historiador concluía:

Para mim é um amigo que parte abrindo um claro irreparável na galeria dos que estimo e são meus companheiros no grande orgulho de ser filho da Amazônia, amigo e companheiro na empresa heroica de divulgar a Amazônia, tentar interpretá-la, buscando a compreensão do Brasil para a grande tarefa de sua incorporação efetiva, pelo desenvolvimento à civilização que o país vem construindo.<sup>67</sup>

Para o historiador, Djalma Batista foi um homem que devotou sua vida à uma causa e muitas vezes pagou um grande preço por isso. Mas não deixa de ser irônico que seu engajamento foi o que lhe deu forças em um dos seus momentos mais delicados. Almejando fortalecer a Amazônia, Djalma Batista também fortaleceu-se. Que não negligenciemos essa lição, principalmente num momento como esse.

**Data de envio: 01/09/2020**

**Data de aceite: 01/10/2021**

---

<sup>65</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal do Comércio*, Manaus, 09 Ago. 1979, p. 2.

<sup>66</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal do Comércio*, Manaus, 10 Ago. 1979, p. 2.

<sup>67</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. REIS, Arthur Cezar Ferreira. Djalma Batista. *Jornal do Comércio*, Manaus, 02 Set. 1979, 3<sup>a</sup> caderno, p.5.



## Referências bibliográficas

AFFONSO, Almino. Djalma Batista e a Petrobrás. In: BRAGA, José (Org.). **Reencontro com Djalma Batista**. Manaus: EDUA, 2016.

BATISTA, Djalma. A palavra do presidente. **Revista da Academia Amazonense de Letras**, n. 14, dez. 1969.

BATISTA, Djalma. **Amazônia**: Cultura e sociedade. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2006.

BATISTA, Djalma. Lições do Cinquentenário. **Revista da Academia Amazonense de Letras**, n. 27, Manaus, jul-dez 1968.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. 2ª ed. Manaus: Editora Valer/ EDUA/ Inpa, 2007.

BATISTA, Djalma. Saudação a Arthur Cezar Ferreira Reis. **Revista da Academia Amazonense de Letras**, n. 27, Manaus, jul-dez 1968.

BATISTA, Edith Limongi et. ali. **Artigos e Crônicas**. Manaus: EDUA, 2016.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e não-escrita. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CHAVES, Cláudio. Djalma Batista: ciência e medicina. In: BRAGA, José (Org.). **Reencontro com Djalma Batista**. Manaus: EDUA, 2016.

COSTA, Selda Vale da. Por rios amazônicos: conversas epistolares com Nunes Pereira. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (Orgs.). **Vozes da Amazônia**: investigação sobre o pensamento social brasileiro. Manaus: Ufam, 2007.

DANTAS, Hélio. **Arthur Cezar Ferreira Reis**: trajetória intelectual e escrita da História. Jundiá: Paco Editorial, 2014.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **Ditos e escritos**: Ética, sexualidade e política. Vol. V. trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: ABREU, Martha et. ali. **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do regime militar brasileiro. 7ª reimp. São Paulo: Contexto, 2019.



OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **Elite intelectual e debate político nos anos 30**. Brasília/Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Fundação Getúlio Vargas, 1980.

PACHECO, Alexandre. A narrativa heroico-nacionalista de Arthur Reis na representação da defesa da Amazônia pelos portugueses e luso-brasileiros em A Amazônia e a Cobiça Internacional – anos de 1960. **História da Historiografia**, v. 10, 2012.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. **A conquista intelectual do Amazonas (1900-1930)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, São Paulo, 2000.

PANZU, Angela. **O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: trajetória institucional por meio de suas práticas científicas (1954-1975)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: origem, objetivos, funcionamento e sua contribuição para o conhecimento realístico da Amazônia. **Raízes da Amazônia**, Manaus: Inpa, 2005.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Temas amazônicos**. Manaus: Imprensa Oficial, 1983.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.) **Por uma história política**. 2ª ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

